

RESUMOS DE PALESTRAS

A INTERDISCIPLINARIDADE

Prof^ª. Cacilda Zafaneli
Diretora do Instituto Superior de ciências
Humanas e Sociais
Professora de Antropologia e de Sociologia da
UNIPAR

O mundo atual demanda profissionais versáteis que saibam trabalhar em equipe, que saibam compartilhar. E quando se fala em interdisciplinaridade, está-se justamente falando em trabalho conjunto e de inter-relação. A perspectiva interdisciplinar é uma posição metodológica usada para permitir que os sujeitos se interdependam. Não se trata, no entanto, de acabar com as especialidades e sim de que os sujeitos destes saberes se dêem as mãos para um trabalho coletivo. O que é colocado em evidência é a trama que decorre da relação mútua entre os especialistas. Como foi dito no início, a sociedade moderna demanda profissionais que tenham abertura ao diálogo rumo a um resultado coletivo. No entanto, esta mesma sociedade tem condicionado as pessoas ao individualismo, ao “cada um pra si, Deus pra todos.” E isto, muitas vezes, resulta em empecilhos ao trabalho interdisciplinar. Necessário se faz, pois, que nas universidades se coloque em prática a metodologia interdisciplinar, justamente para romper com esse vício imposto pela sociedade de consumo, com vistas a preparar o profissional voltado para a dinâmica grupal.

A interdisciplinaridade tem como base o diálogo, através do qual as dificuldades são superadas. É, portanto, uma prática dialógica reconhecendo as especificidades de funções e papéis, como tarefa comum, como troca, ajuda, cooperação e sobretudo, ação refletida.

O agir interdisciplinar é partir dessa capacidade de encontro que possibilita a abertura de fronteiras, que cria zonas de interseção e que aproxima. Faz surgir, pois, as relações dialéticas. E mais, é fazer parte de um conjunto e sentir prazer nisso. É um estado de espírito. É acreditar, realmente, que a união faz a força.

MOTIVAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Bárbara Cossettin Costa Beber Brunini.(UNIPAR)

Tendo conhecimento que a atual regra do mercado é estar preparado para competir com certos diferenciais acredita-se que atualmente os desafios para quem deseja ser um profissional bem sucedido são bem maiores. No centro destas cobranças do mundo profissional e dos novos comportamentos presentes em qualquer ambiente, sejam estes familiares, sociais ou escolares, o ser humano é o principal fator responsável pelo sucesso de qualquer instituição, passa a ser o centro das atenções, pois somente pessoas devidamente competentes poderão produzir e prestar serviços com qualidade.

A aceleração das mudanças é tamanha que alguns profissionais já não conseguem acompanhar, definir e saber o que ocorre a sua frente. Assim, certas características são essenciais para o sucesso profissional, uma delas seria a boa estrutura emocional. Confirmando esta afirmação Consolaro (2000:36) cita:

“Entre algumas habilidades podemos listar: sensibilidade para diferenças culturais, habilidade para desenvolver boas relações sociais e capacidade de expressão. O profissional com este perfil apresenta uma maior probabilidade de se manter empregado por longo tempo ou ainda evoluir na sua carreira e assumir novas oportunidades no século XXI”.

Atualização, especialização, mestrado, doutorado. O conhecimento sempre será cobrado, todavia, hoje, torna-se insuficiente, é preciso a capacidade do professor de colocá-lo em prática com consciência de que o verdadeiro saber só é administrado quando o outro, neste caso o aluno, deseja recebê-lo, e para tanto é necessário um movimento empático que o permita entender quais são as prioridades do seu cliente tendo estas informações permitindo-se assim a elaboração de um eficiente plano de ensino.

O que se consegue extrair desta afirmação é que, o professor deste milênio vai precisar entender a personalidade de seus alunos, seu caráter estruturado pelo convívio social, seu temperamento herdado de seus genitores e então ajudá-los a serem criativos e desenvolverem as capacidades tanto cognitivas, como afetivas e sociais.

Vivemos em uma sociedade espantosamente dinâmica, instável e desafiadora e ao mesmo tempo evolutiva. Corre risco quem fica esperando para ver o que virá. As mudanças e o aperfeiçoamento serão cada vez mais uma questão de sobrevivência profissional. O professor deve analisar constantemente seu crescimento, suas capacidades, reconhecer suas múltiplas inteligências e saber utilizá-las em proveito próprio e do outro, no caso o aluno e agir de forma que seja uma pessoa requisitada por sua criatividade e sabedoria, mas principalmente, pela sua facilidade de lidar com o indivíduo.

Neste aspecto falamos do autoconhecimento, palavra chave do desempenho das pessoas. Frente à missão de educador, ainda mais importante torna-se esse assunto pela responsabilidade que tem na formação de pessoas e comunidades que se multiplicarão. Através dele, o professor possui conhecimento de suas virtudes e defeitos, sabe o que de melhor faz e onde ainda precisa aperfeiçoar-se demonstrando seu desejo de atualização e capacidade de ser flexível diante a necessidade de mudança. Parafraseando Branden (1994: 26):

“A nossa preocupação principal é com o que nós, como adultos, podemos fazer para elevar o nível da nossa auto-estima, para aprender a nos amar e a confiar mais em nós mesmos e para sentir maior segurança quanto à nossa eficiência”.

Esta função de espelho que o professor exerce, e cada vez mais exercerá, frente aos grupos de alunos, exige dele um preparo intelectual, mas principalmente, psicológico, pois é de conhecimento público que é na profissão de educador onde aparece um grande número de profissionais estressados, com acentuados desgastes físicos, emocionais e mentais que diminuem seu rendimento e que mais tarde resultam na plorificação de síndromes depressivas, de pânico, de inferioridade as quais acabam mutilando a personalidade atingindo paralelamente as relações que possui com o meio que vive e trabalha. Na obra de José Manuel Esteve, “*O Mal-Estar Docente*”, (pg.57) são claramente apresentados alguns dos sintomas mais encontrados na prática docente nos quais aparecem em grande porcentagem as patologias acima citadas, confirmando assim a grande necessidade de estimulação, motivação e cuidados constantes com o professor.

Ao mesmo tempo, o conhecimento e a aceitação das próprias limitações são acompanhados da experiência real de que é possível melhorar os estilos de ensino que um professor adota. Neste sentido Honeyford (1982, pg. 75) afirma:

“Conhecer a si mesmo é a primeira regra para o bom domínio da classe... o sucesso de alguns professores não é mero acaso, grande parte destes profissionais possui algo em comum: um projeto pessoal e um plano de ação que norteiam sua carreira. Os que não os possuem costumam ser apáticos, desinteressados e ter uma relação apenas de dependência financeira com a instituição para a qual trabalha.”

Embora a auto-estima seja um sentimento reflexivo, é também influenciado pelo mundo externo. O sucesso na carreira, a admiração alheia, a crítica construtiva e comentários que elogiam o desempenho fazem aumentar o respeito por si próprio, como também eleva a pessoa a uma situação onde a satisfação no trabalho o faz um professor diferente, aquele que possui um carisma e emana alegria, simpatia, espontaneidade e bom humor, contaminando positivamente o ambiente de trabalho e seus clientes.

Estas características, juntamente com a qualidade profissional diferenciam o ótimo do regular profissional, pois os primeiros possuem facilidade de comunicação e companheirismo e isso faz com que as pessoas façam o que ele quer porque elas querem, sentem prazer nisto, não sendo necessária a famosa autoridade.

Pela primeira vez na história da humanidade temos que aprender a assumir responsabilidade de administrar a nós mesmos e a construir nossos próprios valores.

Trabalhar com a motivação do universo escolar é muito mais do que trabalhar o professor para que possa trabalhar o aluno, é criar condições para modificar e desenvolver personalidades, dar ao indivíduo a possibilidade de criar sua própria identidade de modo saudável, produtivo e afetivo tendo como espelho para esta transformação profissionais especializados na arte de ensinar e conscientes de seu processo de modificação profissional e pessoal podendo com isso responder as mudanças deste processo tão complexo que é a aprendizagem. Citando Camom (1993 pg. 22):

“O sentido da vida é a propulsão capaz de levar o homem a horizontes sequer atingíveis pela razão. No

entanto, é preciso dimensionar-se a vida como carenciada de sentido e que necessitará das realizações humanas para tornar-se algo além da própria vida.”

Experiências anteriores já provam que, quanto mais cedo o profissional tiver esta visão do mundo, mais preparado estará para a nova exigência de um campo de trabalho tão vasto, e se mesmo durante a vida acadêmica estes conceitos forem embutidos, no futuro profissional maiores serão as chances de ser um professor diferenciado, um ser humano composto de saber, sentir e agir, atitudes básicas para o exercício do saber verdadeiro.

Com a crescente concorrência e a elevação dos requisitos profissionais, esse é um desafio dos mais urgentes, ser um profissional diferenciado, indispensável, bem formado; o mercado, infelizmente, não reserva lugar para quem não se atualiza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Célia Silva Guimarães. Pontos de Psicologia Escolar. São Paulo: Atica, 1998.
- BRANDEN, Nathaniel. Auto-estima. Como Aprender a Gostar de si Mesmo. São Paulo: Saraiva, 1994.
- CAMON, Valdemar Augusto Angerami. Psicoterapia Existencial. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1993.
- CONSOLARO, Alberto. O “Ser” Professor. Arte e Ciência no Ensinar e Aprender. Maringá: Dental Press Internacional, 2002.
- ESTEVE, José Manuel. O Mal-estar Docente. A Sala de Aula e a Saúde dos Professores. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

ORIGAMI: DOBRANDO E CRIANDO

Maria do Carmo de Oliveira Nogueira¹

¹Docente do Curso de Pedagogia da UNIPAR

A arte da dobradura de papel teve sua origem na China Continental, e deve remontar, talvez, a própria invenção do papel.

O papel como folha acetinada e flexível, foi criado pelos chineses no século II a.C. e, mais tarde, foi levado pelos árabes para o Egito e depois para a Europa, e com o processo civilizatório e colonialista, muito mais tarde, veio para o Brasil com a vinda dos japoneses.

O artesanato doméstico sempre foi, e ainda hoje o é, um imperativo na vida cotidiana chinesa e japonesa, e faz parte do currículo escolar no Japão. Recebeu o nome de ORIGAMI – palavra de origem japonesa que significa - a arte de dobrar papel (ori ou oru – do verbo dobrar, e kami ou gami – substantivo: papel). Antigamente, as dobraduras eram usadas pelos japoneses para conter oferendas deixadas nos templos.

O mini - curso: “Origami: dobrando e criando”, proporciona um breve conhecimento da cultura japonesa, aos inscitos na XII Semana de Estudos Pedagógicos, pela contextualização da arte da dobradura e do desenvolvimento de habilidades motoras finas, desenvolve a curiosidade, o gosto pelo belo, e pelo estético, além de, ampliação dos

conhecimentos pedagógicos do desenvolvimento infantil, Apresenta-se também, como um bom recurso para trabalhar com as criança na produção de textos, histórias e poesias fazendo transbordar a imaginação.

O mini - curso: “Origami dobrando e criando” tem seu desenvolvimento em atividades teórico-práticas no laboratório de Ensino / Aprendizagem interdisciplinar - cumprindo a carga-horária de quatro horas para seu desenvolvimento. Nossos objetivos com esse mini-curso é de oferecer aos Acadêmicos do Curso de Pedagogia uma oportunidade a mais, para ampliar seus conhecimentos e suas habilidades artísticas, não apenas no fato de aquisição de coordenação motora fina, na dobradura de papel, mas também, no desenvolvimento da capacidade de criação e ampliação de sua cultura, através dessa maravilhosa arte japonesa. Também, nos preocupamos em possibilitar a inovação de suas posturas pedagógicas através da habilidade adquirida no cumprimento desta atividade extracurricular, promovendo através da arte e da magia na confecção do origami, mais um elo integrador entre o adulto e a criança, possibilidade de criar e de reinventar através da prática da dobradura, novos meios para contar histórias, poesias, e produção de novos textos e histórias infantis. E por fim, propiciar mais abertura ao campo da pesquisa acadêmica no que tange ao estudo e conhecimento das fases de desenvolvimento psico-motor infantil e suas habilidades.

Com este mini-curso, os(as) acadêmicos(as) de Pedagogia e outros profissionais que se interessam pelos conhecimentos pedagógicos, apreendem uma nova possibilidade de ampliar sua metodologia de trabalho em sala de aula, melhora seu relacionamento com seus alunos, adquirem conhecimento de parte dessa cultura japonesa - arte da dobradura - adquire o gosto pelo belo, pelo estético e podem também, repassar como multiplicadores a habilidade e a prática adquirida no curso, desenvolvido na XII Semana de Estudos Pedagógicos: ações compartilhadas para uma nova perspectiva educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASCHENBACH, Lena et alii A Arte-Magia das Dobraduras – histórias e atividades pedagógicas com origami. **São Paulo, Editora: Sipione, 1990.**

AYTURE-SCHEELE, Zülal Dobraduras divertidas – Origami – em cores. **São Paulo, Editora: Siciliano, 1995.**

GÊNOVA, Carlos Origami escolar (dobraduras). **1.ª ed., São Paulo, Editora : Rideel, 1998.**

JACKSON, Paul e A’COURT, Ângela Origami e Artesanato em papel. **Erechim – RS, Ed. EDELBRA Ind. Graf. e Editora Ltda., 1996.**

ALGUMAS VERTENTES DO TRABALHO COM RECORTE DE FILMES TEMÁTICOS COM ÊNFASE NA QUESTÃO DA PREVENÇÃO QUANTO USO DE DROGAS

Nelson Luiz Posseti; Lucineyde Amaral Picelli; Rosângela Bressan Buosi; Claudia Lopes Perpétuo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar algumas vertentes da atividade com *recorte* de filmes temáticos com ênfase na prevenção quanto ao uso de drogas. Se parece que a escola não tem se dado conta de que os alunos possam estar sendo influenciados pelas imagens que diuturnamente vê-se na mídia. O mundo televisivo tem proporcionado leituras que induzem os telespectadores infanto-juvenis a variadas sensações e interpretações sobre *alguma coisa*, fruto dos repertórios-signos que aguçam a imaginação dos mesmos. Os educandos não escapam à regra, afinal, a leitura que fazem das *marcas*, dos *tipos* inspiradores, estimula-os a serem consumidores. O mundo das imagens eletrônicas contrapõe-se ao ambiente da sala de aula propriamente dito, pois de um lado, o telespectador desfruta do interessante, da imagem-som e do outro, o chato, o retórico, o expositivo; daí a sensação da perda do interesse do aluno na visão do professor. Na sociedade atual, o uso e abuso de álcool e drogas e a dependência química têm sido uma preocupação constante daqueles que convivem e trabalham com crianças, adolescentes e adultos devido à complexidade do tema. O professor diante de questão de tal natureza, não pode fingir que não vê ou que não sabe o que ocorre ao seu redor. Portanto, nada melhor do que *explorar* o tema, discuti-lo, criar um espaço dialético para que o assunto seja tratado com propriedade, podendo pois, ser enfrentado de maneira concreta e eficaz. Para tal o aproveitamento e a exploração de filmes temáticos que podem provocar as discussões que *desmontem* as linguagens da mídia, pode ser uma opção metodológica oportunizando aos alunos um pensar e um agir mais reflexivo. Convém dizer que a crítica consciente da imagem-mensagem apresenta-se como uma das saídas para o desenvolvimento do pensamento autônomo, demonstrando que a TV, os filmes, os demais órgãos de imprensa não contém um mal em si mesmos, portanto, não podem ser absolutamente tiranizados pela lógica do consumo. Isto posto, pergunta-se: *a)* Até que ponto o caminho para a reeducação dos vícios pode ser enfrentado pela própria escola usando-se recursos audiovisuais? *b)* Como o olhar e o refletir do aprendiz deve ser estimulado com autonomia crítica? *c)* Como a formação da cidadania deve ser encaminhada de forma consciente, frente a influência da mídia? *d)* E, fundamentalmente, quais são as responsabilidades da própria sociedade quanto à organização de programas, como por exemplo, os grupos de apoio, a realização de seminários sobre a responsabilidade de especialistas no tocante à reeducação dos jovens? Respostas para essas questões justificam os objetivos desse trabalho: *1)* Educar para a cidadania e para os direitos para além dos imperativos consumistas, a partir do uso de material didático alternativo; *2)* Reconhecer que a educação pode estar em harmonia com o império das imagens, usando-se filmes temáticos (e seus recortes) como recursos alternativos de ensino-aprendizagem; *3)* Informar, alertar para os riscos dos

vários vícios, tendo em mente a prevenção sobre o uso de drogas utilizando uma mídia atraente e eficaz.

EDUCAÇÃO ESPECIAL/ INCLUSÃO SOCIAL

Isabel Cristina Rodrigues Orlandini
Docente do curso de Pedagogia- Unipar

Este resumo do mini-curso “Educação Especial-Integração Social, pretende discutir a inclusão quando traduzida para este contexto educacional, e social, bem como as possíveis implicações que ela traz ao contexto brasileiro, principalmente quando se considera as recentes diretrizes e recomendações de organizações nacionais e internacionais a respeito do assunto.

Segundo o INEP há mil alunos com alguma deficiência estudando em escolas regulares. O censo de 2.0021 mostra que a inclusão vem ganhando espaço desde 1.998, aumentou 135%, mas ainda é minoria.

A nova proposta de educação inclusiva surgiu com a Conferência Mundial sobre a Educação para todos (1.990), realizada em Jomtien, na Tailândia. Sua meta é a de garantia a democratização da educação, independente das particularidade dos alunos. Isso foi reforçado, posteriormente, pela Declaração de Salamanca (1.994), assinada na Espanha, que ressaltou a necessidade de se dar às crianças e aos adolescentes, sobretudo aos que tem necessidades especiais, as condições para que sejam matriculados na escola comum, rompendo com a prática da segregação social e da distinção entre os desiguais, atitudes até então explicitada social. É uma novo movimento pedagógico, com característica de cada aluno no sistema educacional e o respeito por sua identidade social.

Apesar a integração de crianças portadoras de deficiência na rede regular de ensino ser um direito garantido pela Constituição Federal, para que ela realmente se efetive é necessário que a comunidade escolar se disponha a aceitá-la. Esse processo, portanto, não pode ser algo imposto de cima para baixo, mas deve começar pela atuação dos dirigentes e professores que, com líderes, devem tornar-se agentes modalidades da situação atual de segregação desses alunos. Essa atitude de não imposição, por sua vez, deve permear a relação do professor com sua classe nesse trabalho.

Quando tratamos de um assunto como tipos de deficiências e pessoa com deficiência, é muito natural que estejam envolvidos sentimentos como medo, pena, raiva, repulsa. Essas emoções estão ligadas ao desconhecimento e às idéias preconcebidas que existem em relações às pessoas com necessidade especiais. Permitir que esses sentimentos venham à tona e trabalhar com eles, com necessidades especiais. Permitir com eles, com certeza, é a melhor forma para lidar com essas questões.

A inserção de alunos com deficiência na classe comum é o preparo de seus colegas para uma convivência igualitária, na qual a importância das diferenças entre indivíduos seja enfatizada. A base do desenvolvimento das relações humanas é a diversidade, que deverá ser tomada na sua justa

medida. Os comportamentos de rejeição e de superproteção devem ser trabalhados e superados ao máximo. Como qualquer outro conteúdo pedagógico é importante que você inicie diálogo a partir das vivências concretas de seus alunos a respeito das pessoas com deficiência. Conhecem alguém portador de deficiência? Quem é essa pessoa? Como se relacionam com ela? Que tipo de sentimentos ela lhes desperta? O que achariam de ter colegas com deficiência na classe? Acreditam que seria legal, que teriam o que aprender com ele ou que ensinar-lhes? Assim por meio de uma atitude de respeito de sua parte poderão agir de forma mais adequada na convivência com o colega diferente. O objetivo entre colegas diferentes é enriquecer a vida escolar, em algumas escolas onde os alunos se entre-ajudam à integração de alunos com deficiência, é sem dúvida enorme, nos para que esta capacidade se exercerão é necessário que os professores liderem o processo, encorajando as crianças a aceitarem liderem o processo, encorajado crianças a aceitarem um amigo diferente.

Ao analisarmos as perspectivas da inclusão de pessoas com necessidade especiais, é fundamentalmente que contemplamos dois planos distintos e independentes: o real ou a realidade tal como se apresenta e o ideal a ou a esperança de realização do desejado. Segundo WERNECK, Claudia” na sociedade inclusiva ninguém é bonzinho. Ao contrário. Somos apenas- e isto é o suficiente. Cidadãos responsáveis pela qualidade de vida do nosso semelhante, por mais diferente que ele seja ou nos pareça ser”. “Inclusão é, principalmente, uma questão de ética”.

Na época da educação, “inclusão” é oferecer ao aluno com necessidades especiais recusamos profissionais e institucionais adequados para que ele desenvolva seu potencial como estudante, pessoa e cidadão.

Partindo da premissa de que quando mais a criança interage espontaneamente com situações diferenciadas mais ela adquirirá o genuíno conhecimento, fica fácil entender porque a segurança não é prejudicial apenas para o aluno como deficiência. A Segregação prejudica a todos, porque impede que as crianças das escolas regulares tenham oportunidades de conhecer a vida humana com todos as suas dimensões e desafios. Sem bons desafios como evoluem? Evoluir é perceber que é incluir não é tratar igual, pois as pessoas são diferentes. Alunos diferentes terão oportunidade diferentes para que o ensino alcance os mesmos objetivos. Incluir é abandonar estereótipos.

Conceitua-se a inclusão social como um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos (SASSAKI, 1.997, p.3).

A prática da inclusão social repousa em princípios até então considerados incomuns, tais como: a aceitação das diferenças individuais, a valorização de cada pessoa, a

convivência dentro da diversidade humana, a aprendizagem através da cooperação. A diversidade humana é representada, principalmente, por agirem racional, sexual, religião, gênero, cor, idade e deficiência. Não entender de alunos e professores do Instituto de Diversidade Estudantil, da Universidade de Minnesota, nos E.U.A, a sociedade tem usado esses atributos pessoais como critérios para separar pessoas, o que transforma esses atributos em “tentáculos” da opressão humana (KOBECKI, 1.995).

Segundo o pensamento de Vygostsky (1.983), uma criança portadora de uma deficiência não é simplesmente uma criança menos desenvolvida que as demais, apenas se desenvolve de forma diferente.

O professor, junto ao seu lado, deverá propiciar não só a transmissão, mas sim a construção/ produção de conhecimento relevantes à comunidade, seu desenvolvimento pessoa, artístico, musical, enfim todas as suas inteligências, conforme nos lembra Gardner e Perrenoud que nos alerta para a noção de competência. Mais do que criar condições para os deficientes, a inclusão é um desafio que implica mudar a escola em um todo, um projeto pedagógico, na postura diante dos alunos e na filosofia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WERNECK, Claudia – **Ninguém Mais Vai Ser Bonzinho Na Sociedade**. Ed Wva, Rio de Janeiro, 1997.

Ministério da Educação e do Desporto- Brasileiro em Ação. **Integração em Aluno com Deficiência na Rede de Ensino: Novos Conceitos, Novas Emoções**.

SASSAKI, K. Romeu. **Construindo uma sociedade para todos**, ed. WVA, 1997.

Revista Psicopedagógica, n.º 18, 1999, p.14

Revista Integração, **Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Especial**, n.º 21, 1999.